

**UNIFESP – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO**

**Extensão – Curso on-line de Especialização em Dependência Química**

**AVALIAÇÃO SOBRE PREVENÇÃO DE ABUSO DE DROGAS NAS UNIVERSIDADES:  
REVISÃO SISTEMÁTICA DAS PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS**

Geila Pires Maciole  
Ricardo Tavares Bessa

**SÃO PAULO  
2008**

**AVALIAÇÃO SOBRE PREVENÇÃO DE ABUSO DE DROGAS NAS UNIVERSIDADES:  
REVISÃO SISTEMÁTICA DAS PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS**

Geila Pires Maciole  
Ricardo Tavares Bessa

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal de  
São Paulo como requisito parcial para  
obtenção do título de Especialização em  
Dependência Química.

**SÃO PAULO**  
**2008**

Sou dos que Crêem que o desenvolvimento da psicologia é uma necessidade impreterível, do qual dependem não só um melhor conhecimento das leis psicológicas que regem a conduta dos seres humanos, como também a possibilidade de poder compreender e orientar a organização e a vida dos seres humanos. (BLEGER, 1984, p.15).

# **AVALIAÇÃO SOBRE PREVENÇÃO DE ABUSO DE DROGAS NAS UNIVERSIDADES: REVISÃO SISTEMÁTICA DAS PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS**

## **RESUMO**

Este trabalho consiste de revisão sistemática das publicações científicas relacionadas a trabalhos de Prevenção ao Abuso de Drogas, que foram desenvolvidos em universidades brasileiras. O estudo se estendeu às publicações que manifestam opiniões relacionadas a ações preventivas, entendidas como eficazes. Nossa intenção é, a partir dos dados levantados, discuti-los com foco na avaliação do grau de evidência da eficácia de cada tipo de ação pesquisada ou sugerida para a prevenção do abuso de drogas. Como resultado, espera-se que este estudo sirva como compêndio dos trabalhos realizados nesta temática, bem como um guia de referência sugestivo da eficácia de cada tipo de ação preventiva adotada.

**Palavras-chave:** Avaliação, Droga, Prevenção, Universidade, Publicação científica

## Sumário

1 – Introdução.....	06
2 – A prevenção ao longo da história.....	06
3 – Avaliação numa visão macro .....	07
4 – Considerações sobre Representações sociais no contexto escolar.....	09
5 – Guerra às drogas X Redução de danos.....	11
5.1 – Guerra às drogas.....	11
5.2 – Redução de danos.....	12
6 – Política nacional sobre drogas.....	14
6.1– Estratégias de trabalho da SENAD .....	14
7 – A importância de traçar o perfil do público-alvo .....	16
8 – Avaliação dos programas de prevenção ao abuso de drogas .....	17
8.1 – Modelos de programas de prevenção de abuso de drogas .....	17
8.2 – Um exemplo de prevenção de abuso de drogas .....	18
9 – Conclusão .....	19
Referências Bibliográficas .....	20

## **1 - Introdução**

Pesquisas recentes mostram um avanço dos problemas relacionados ao uso, abuso e dependência de drogas. Este ameaça à estabilidade das estruturas e valores econômicos, políticos, sociais e culturais das nações. Estudos revelam que desenvolver ações de prevenção é a melhor solução. Porém, na tentativa de minimizar estes problemas surgem ações preventivas improvisadas e a-críticas. As escolas são palcos privilegiados dessas atuações desenvolvidas por profissionais muitas vezes mais aflitos do que propriamente cientes do que estão fazendo.

O ato de prevenir o abuso de drogas admite três níveis de intervenção: primária, secundária e terciária. Na prevenção primária o objetivo é intervir antes que o consumo de drogas ocorra. A prevenção secundária destina-se ao público que apresentam uso leve ou moderado de drogas, que não são dependentes, mas que correm este risco. A prevenção terciária dirige-se aos usuários dependentes. Para este público, a função da universidade é prestar auxílio na procura de terapia, apoiar a recuperação e reintegrá-lo na universidade, no grupo de amigos, na família.

São muitas as idéias e sugestões para o trabalho de prevenção do abuso de drogas na universidade. Dentre elas temos o gerenciamento da participação coletiva e responsável na definição de princípios, objetivos e decisões a serem tomadas. Criar uma rede de informações e intercâmbio de conhecimentos no campo da prevenção, e tantas outras ações. Contudo, a pergunta persiste: qual dentre estes programas e tantos outros possíveis têm eficácia comprovada por estudos científicos ? Em qual destas sugestões deveríamos aplicar os recursos ? Este trabalho pretende justamente encontrar respostas e críticas para os questionamentos acima.

## **2 – A prevenção ao longo da história**

No século passado, a Europa e EUA iniciaram ações preventivas do uso de bebidas alcoólicas. Estas ficaram conhecidas como Movimento de Temperança. Surgiram as “casas de sobriedade” para aqueles que desejavam parar de beber, e pregavam, por meio de panfletos, palestras, conversas de casa em casa, a abstinência alcoólica. Outra ação de grande destaque era a luta legislativa, pela pressão política para a aprovação de leis que restringissem o acesso ao álcool. Neste período, as instituições de ensino não eram o local de atuação desses movimentos, nem tampouco os meios de comunicação tinham papel de destaque na sua divulgação.

Os movimentos de temperança nasceram e prosperaram, inaugurando a legitimidade de ações evitando o abuso de drogas nas sociedades contemporâneas: de um lado, contavam realmente com muitas pessoas preocupadas com o abuso de álcool e seus malefícios, mas de outro, se constituíram também uma resposta histórica às necessidades externas à saúde e ao bem-estar dos indivíduos e grupos sociais. O álcool foi acusado pelos setores dominantes de ser o culpado por tudo aquilo que não estava indo bem no país e eleito o bode expiatório da sociedade norte-americana.

Da mesma forma, a campanha contra a cocaína e a primeira lei contra ela visaram legitimar a repressão aos negros norte-americanos. A associação entre negro e cocaína foi produto de uma campanha dos políticos conservadores sulistas, que disseminavam entre a população a idéia de que os homens negros, sob efeito da cocaína, tendiam a estuprar mulheres brancas.

Ao longo da história percebemos alguns poucos trabalhos nacionais que se preocuparam com a temática da droga: Segundo Adiala (1985/1986) as ações contra a maconha empreendida nas décadas de 1940 e 50 no Brasil só podem ser realmente entendidas se forem levado em conta o papel que ela desempenhou na manutenção e no fortalecimento de estereótipos racistas; Anthony Henman (1983) atestou o papel legitimador de ações repressivas contra grupos indígenas desempenhado pela guerra contra a maconha na Amazônia.

Esses processos históricos nos fazem pensar na prática contemporânea de prevenção nas universidades e nos sugere que:

- a) movimentos contra drogas (álcool, maconha, cocaína, cigarro, etc) raramente podem ser explicados somente pelo impacto desses hábitos na saúde das pessoas;
- b) indivíduos genuinamente interessados em afastar outras pessoas das drogas acabam, muitas vezes, por contribuir de maneira não-consciente para fortalecer interesses políticos.

### **3 – Avaliação numa visão macro**

O pensamento da educação tem passado por transformações ao longo da história. Na visão tradicionalista, o real era dividido em disciplinas, em saberes e o professor era o detentor do conhecimento e responsável por “depositá-lo” nos alunos.

A história da organização em disciplina se inscreve na história das universidades modernas, no século XIX, e posteriormente, no século XX, com o impulso das pesquisas científicas. A disciplinaridade foi um artifício utilizado para delimitar um domínio de

competência, tornando o conhecimento “preciso”; Por outro lado ela descobre, extrai e constrói um “objeto” digno de interesse para o estudo científico.

a instituição disciplinar conduz, ao mesmo tempo, ao risco da hiperespecialização do pesquisador e ao risco da “coisificação” do objeto estudado. As ligações e solidariedades desse objeto com outros objetos tratados por outras disciplinas eram negligenciados, assim como as ligações e solidariedades desse objeto com o universo do qual ele fazia parte. A fronteira disciplinar, sua linguagem e seus conceitos próprios isolam a disciplina das outras e dos problemas que a recobria. Criando-se, assim, um espírito de proprietário que impedia toda a circulação nos outros saberes. MORIN (2001 apud ALVES-GARCIA, 2001. p.67)

O transporte de esquemas cognitivos de uma disciplina à outra pode tornar-se inovador noutro tipo de sistema. Assim, a noção de “informação”, resultado da prática social, tornou-se um sentido científico preciso, novo. Inúmeras são as migrações de idéias e de concepções, as simbioses e transformações teóricas devidas às migrações.

Certos campos de pesquisa disciplinar, cada vez mais complexo, fazem apelo a disciplinas muito distintas, ao mesmo tempo em que exige a policompetência do pesquisador. A pesquisa tornou-se um processo não apenas anatômico e técnico, mas, também, biológico, psicológico, sociológico, ecológico, etológico, sociológico, mitológico, filosófico, etc.

As rupturas dos muros disciplinares, avanços ou transformações de disciplinas se fazem pela constituição de novos esquemas cognitivos com novas hipóteses que permitem articulações, organizadoras ou estruturais, entre disciplinas separadas e deixa compreender a unidade do que até então estava dividido.

As circunstâncias quebram o isolamento das disciplinas pela circulação de conceitos ou esquemas cognitivos pelas complexificações em campos policompetentes, pela emergência de novos esquemas cognitivos e de novas hipóteses explicativas. Enfim pela constituição de concepções organizadoras que permitem articular os domínios disciplinares num sistema teórico comum.

Atualmente, é preciso tomar consciência de que as disciplinas são justificadas intelectualmente, contanto que guardem um campo de visão que reconheça e compreenda a existência das ligações de solidariedade. (Ibid, p.76) “E mais, elas somente são plenamente justificadas se não ocultam as realidades globais”. Sendo os aspectos múltiplos de uma

realidade complexa que somente adquirem sentido se são religados a essa realidade, em vez de ignorá-la.

Hoje emerge, de maneira esparsa, um paradigma cognitivo que começa a estabelecer pontos entre as ciências e as disciplinas não comunicantes.

A proposta de avaliação propõe uma ruptura com as visões tradicionais, funcionalistas ou sistêmico-mecanicistas, e conseqüentemente as práticas pedagógicas decorrentes delas, assumindo uma posição contra-hegemônica que contempla o desenvolvimento do sujeito e de todos os sujeitos do ato educativo. LOCH (2003 apud ESTEBAN-GARCIA, 2003. p.132).

O entendimento de avaliação passa a ser aquele que possibilite o vir a ser ou de fazer um outro de si mesmo, na construção de cada um e do coletivo como diferentes, saudáveis, alegres cidadãos. A nossa existência se constitui a partir da avaliação que fazemos de nós mesmos e das incorporações que fazemos a partir da percepção – atuação do outro conosco, de tal forma que assim como “sofremos” a interferência do outro, também interferimos na realidade do outro.

Realidade esta entendida como construção social e não como algo meramente objeto e natural da compreensão da ação humana concreta e contextualizada em que as tentativas de compreensão e apreensão do mundo têm sentido naquele momento, para aquele sujeito, naquele grupo, e é na investigação dessas tentativas de desvelamento que precisamos intervir. Nenhuma nota, conceito ou “certo ou errado” poderá expressar e trabalhar esse momento.(Ibid, p.132)

A pesquisa a ser apresentada, ou seja, a Avaliação Sobre Prevenção de Abuso de Drogas nas Universidades: Revisão Sistemática das Publicações Científicas constitui-se de um exame que não pretende ser conclusivo, mas caracterizar um problema social e demonstrar a sua complexidade e, portanto buscar alternativas, em conjunto, para minimizar as suas conseqüências.

#### **4 - Considerações sobre Representações sociais no contexto escolar**

A investigação sobre as causas de um consumo abusivo de drogas e a importância que se lhe atribui, relaciona-se com a necessidade de obter resultados que permitam elaborar uma variedade de abordagens educativas e de tratamento.

Na busca das causas deste comportamento sintomático nos deparamos com as Representações Sociais que, segundo Moscovici (1978), são uma modalidade de conhecimento particular, cuja função é elaborar o comportamento e a comunicação entre indivíduos. Partindo do pressuposto que o indivíduo se constrói na relação com o outro e com a sua sociedade, o processo de construção das suas Representações Sociais se dá nessas relações.

Pesquisas destacam a importância de compreender as Representações Sociais no contexto escolar. Conhecer as informações que possibilitam, por meio da sociedade, da comunidade, da profissão, da família, da escola, da religião, da mídia, da comunidade e da sociedade, identificar o campo em que essas representações se inserem e as atitudes que orientam suas ações em relação ao objeto dessas representações. (Moscovici, 1978, p.69)

As informações possibilitam a formação dos valores, atitudes e comportamentos. Faz-se necessário avaliar o teor das informações recebidas, uma vez que informações equivocadas ou distorcidas geram valores que estarão na base de atitudes e/ou ações violentas inaceitáveis ou mesmo inadequadas para uma vida social mais solidária. Nesse sentido, as representações sociais servem de guia para as ações dos sujeitos em seus relacionamentos com o mundo e com os outros.

Neste processo ocorrem dois fenômenos: a incorporação social da novidade, modificando as visões preexistentes, e a familiarização do estranho, classificando, explicando, e transformando o objeto novo em familiar. Esse processo tem uma lógica própria, em relação direta com o momento histórico e a formação ou conformação daquele grupo cultural.

Existem representações que se referem: à prevenção ao uso de droga compreendida como abstinência total e à idéia do professor especialista como o único capaz de lidar com esse trabalho. Na base do argumento do “professor especialista”, existe certa confusão sobre o conceito de prevenção e o de tratamento ao dependente. Ocorre falta de clareza na distinção entre o uso e o uso “nocivo” ou de “risco” de droga, mostrando representações contraditórias.

Evidentemente, não é função do professor “tratar” do dependente, essa é uma atividade da área da saúde e não da educação (Cavallari, 2000). Mas, essa representação social limita e restringe as atuações preventivas do educador, contribuindo para que ele entenda a prevenção como uma função não pertencente à educação. E a maneira encontrada para se defender dessa impossibilidade de atuação seria delegar a responsabilidade do trabalho de prevenção para o outro educador - “o especialista”.

Outro fator fundamental que está na base da compreensão do professor sobre a prevenção é o “sentimento” despertado com o tema. Na maioria os sentimentos manifestos são negativos: impotência, tristeza, humilhação, perplexidade, medo e rejeição. Esses

sentimentos negativos provocam distanciamento da função preventiva, impedindo que ele se comprometa com esse trabalho. A tarefa preventiva deve envolver o ressignificar, redimensionar e respeitar os sentimentos, diminuindo o medo, o preconceito a respeito das drogas e a vulnerabilidade docente.

## **5 - Guerra às drogas X Redução de danos**

Nos trabalhos pesquisados encontramos duas principais abordagens no plano da prevenção ao abuso de drogas: a “guerra às drogas” e a “redução de danos”. Trataremos, a seguir, dos principais aspectos que caracterizam tais abordagens, estabelecendo os limites teóricos e conceituais.

### **5.1 - Guerra às drogas**

A “Guerra às drogas” traduz na maneira como a sociedade tem reagido ao processo histórico do uso de drogas. Trata-se de uma concepção que tem desconsiderado os diferentes significados que o uso de drogas vem adquirindo desde a Antigüidade: religioso, cultural, contracultural, entre outros (Escohotado, 1992). Está alicerçada em pressupostos de que é possível existir uma sociedade livre de drogas.

A ideologia que fundamenta a “guerra às drogas” possui conteúdos que “remetem-nos a uma visão preconceituosa, repressora e, por vezes, moralista (...)” Predominam a persuasão, a idéia de um saber único e exclusivo, dono de uma única face. A idéia de que o indivíduo está indefesamente à mercê da droga faz despertar um sentimento de proteção paternal que enfatiza a autoridade. A apresentação da droga como um mal em si, sem considerar o contexto, os vários tipos de uso, ou os indivíduos e suas particularidades.

Nas últimas décadas, os esforços dessa guerra têm-se traduzido em verdadeiras batalhas que se espalham em diferentes ramos de atividades contra pessoas que vendem, compram, e principalmente, contra as pessoas que consomem drogas ilícitas. Essas pessoas são culpabilizadas por sua condição, são tratadas como pessoas fracas e sem personalidade. Difunde-se a face intolerante dessa guerra sob a qual sustenta-se a legislação antidrogas.

Essas concepções estão também presentes nas matérias veiculadas pela imprensa escrita. A mídia tem-se mostrado cada vez mais alarmista no tratamento que dispensa à questão das drogas (Carlini-Cotrim et al., 1995). Invariavelmente, dá ênfase às “cenas da droga” e relata com destaque as mortes de pessoas famosas por overdose, tratando de relacionar drogas ilícitas com “vidas irregulares” e “fins trágicos”.

Essa abordagem tem produzido diferentes modelos de intervenção no contexto escolar. Textos e manuais de treinamento de professores são utilizados em programas que defendem o aumento da responsabilidade individual e o desenvolvimento da autodisciplina. Os discursos são notadamente autoritários, desestimulam a crítica por parte dos jovens, além de imprimir “um clima de pânico” e amedrontamento entre eles.

Os métodos utilizados pela abordagem da guerra às drogas são punitivos e controladores (Carlini-Cotrim, 1992), partem de fórmulas massificadoras, universalistas que abstraem os indivíduos de sua singularidade e não levam em consideração seus valores ou sua inserção social. Dessa forma, não têm em conta a necessidade de pensar na realidade de cada espaço geossocial que faz o entorno da instituição educacional. Finalmente, parte-se do princípio de que o modelo a ser aplicado tem supremacia sobre a análise da realidade local.

O objetivo da prevenção nessa fórmula é único: a abstinência de qualquer uso de droga (Carlini-Cotrim, 1992). Tal postura não aceita objetivos e metas intermediários ou provisórios que possam ser alcançados em situações nas quais a abstinência total é difícil de ser conseguida, por isso ficou também conhecida como tolerância zero (zero tolerance) ou América livre de drogas (drug free America).

## **5.2 - Redução de danos**

Em contraposição à “guerra às drogas”, que tem fundamentado a maior parte das estratégias da prevenção, nas últimas décadas, a abordagem da redução de danos, inicialmente proposta nos países europeus e bastante desenvolvida na Austrália, vem tomando corpo em todo o mundo.

Essa concepção foi originalmente formulada na Inglaterra, descrita no Relatório Rolleston, de 1926, concluindo “que a manutenção de usuários por meio do emprego de opiáceos é o tratamento mais adequado para determinados usuários”. Reconhecia-se, dessa forma, que indivíduos dependentes, para os quais a interrupção total da droga seria impossível ou muito difícil, seriam menos prejudicados pelas consequências adversas do seu consumo, se pudessem ser supervisionados no seu uso de drogas, recebendo-as por prescrições médicas e preservando suas possibilidades de exercer atividades.

Os pressupostos da abordagem de redução de danos estão vinculados ao entendimento de que: a utilização de drogas é uma realidade comprovada historicamente em todas as sociedades; os indivíduos continuarão a usar substâncias que modifiquem a sua psicoatividade. A Redução de danos aceita um leque de objetivos que abrange qualquer tipo

de avanço no sentido de minimizar os prejuízos que possam advir do uso de drogas, e portanto, não visa somente à abstinência, como única meta aceitável.

O movimento da redução de danos associados às drogas representa também, no campo educacional, uma mudança. Segundo Duncan et al. (1994, p. 281): “Redução de danos é uma política de prevenir danos potenciais relacionados ao uso de drogas ao invés de tentar prevenir o uso propriamente dito.”

Ao assumir a complexidade e as várias dinâmicas que atuam para que o comportamento do uso de drogas se forme, tais métodos não propõem soluções simples e únicas (O’Connors; Saunders,1992), mas adequadas a cada realidade, que atuem nos três pólos – o contexto, o indivíduo e a droga – não se limitando ao pólo da droga em si.

Assim essa abordagem dá abertura para abraçar uma educação preventiva que “desaliena” e “capacita” os indivíduos e grupos. Ao conhecer e analisar criticamente as contradições sociais, os alunos podem se apoderar dos elementos necessários para fazer escolhas positivas durante sua trajetória, em vez de voltarem-se contra si mesmos como alvo da sua própria desintegração social.

A redução de danos responsabiliza as agências de socialização por cuidar da questão de maneira realista. Nesse caso, a atitude deve ser a de ensinar a conviver com a sua existência, como se convive com a existência de outros bens de consumo, de outras formas de prazer, e alertá-los para possíveis conseqüências prejudiciais, como se alerta sobre gravidez precoce, acidentes de trânsito, dietas alimentares e outras condições indispensáveis na promoção da saúde e na melhoria da qualidade de vida.

A universidade, como uma agência de socialização, cabe a responsabilidade de apreender a realidade de seus estudantes, sem perder de vista a análise mais geral dos aspectos referentes às contradições do sistema econômico e da modernidade. Assumir a redução de danos torna, portanto, necessário que o sistema de ensino se posicione e forneça as diretrizes da prevenção: objetivos, filosofia, metodologia de trabalho. É necessário que a universidade conheça as realidades específicas e assuma a posição que lhe cabe na socialização.

Essa abordagem pretende desmistificar as idéias preconcebidas de que os indivíduos que têm formas de relação com alguma droga são todos sem objetivos de vida, agressivos, desregrados, anti-sociais ou estranhos. Embora isso possa eventualmente acontecer, tal homogeneização constitui um preconceito que alimenta a intolerância e estimula o consumo.

## **6 - Política nacional sobre drogas**

A Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas SENAD é subordinada ao Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República. E tem como competência: Exercer a secretaria-executiva do Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas – CONAD; Articular e coordenar as atividades de prevenção do uso indevido, a atenção e a reinserção social de usuários e dependentes de drogas; Propor a atualização da política nacional sobre drogas na esfera de sua competência; e Gerir o FUNAD e o Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas.

A SENAD coordenar a Política Nacional sobre Drogas, por meio da articulação e integração entre Governo e Sociedade. Esta secretaria propôs um alinhamento conceitual e semântico ao solicitar a mudança da denominação da Política Nacional Antidrogas para Política Nacional Sobre Drogas – PNAD.

### **6.1 - Estratégias de trabalho da SENAD**

As estratégias de trabalho são pautadas no diagnóstico, capacitação e projetos estratégicos. Dentre as ações desenvolvidas temos os seguintes exemplos, dentre outros:

#### **No eixo diagnóstico**

##### **☞ Levantamento dos padrões de consumo da população Brasileira**

#### **Objetivo geral**

Estimar a prevalência do uso de Drogas Lícitas e Ilícitas da população brasileira, comparando com os dados obtidos no I Levantamento.

#### **Parceria**

Senad / Universidade Federal de São Paulo.

##### **☞ Levantamento nacional sobre os padrões de consumo do álcool na população brasileira**

#### **Objetivos**

Maior estudo sobre o padrão de consumo do álcool já realizado no Brasil. Detectou os hábitos e atitudes da população brasileira em relação ao consumo de bebida alcoólica.

Incluiu levantamento específico de padrão de consumo nas populações indígenas, jovens e mulheres.

#### **Parceria**

Senad  
Universidade Federal de São Paulo

Universidade do Texas (EUA)  
Organização Mundial da Saúde (OMS)

#### ☞ **I Levantamento nacional sobre uso de drogas entre estudantes universitários das 27 capitais brasileiras**

Levantamento envolvendo as redes pública e privada de ensino superior, com amostra de abrangência nacional nas 27 capitais brasileiras, visando a estimar a prevalência e o padrão do consumo de drogas por estudantes universitários, bem como os problemas associados a esse consumo.

- Realização: SENAD
- Parceria: Senad/ Universidade de São Paulo (USP)

#### **No eixo de capacitação:**

##### ☞ **Capacitação de profissionais**

#### **POLICIAIS RODOVIÁRIOS FEDERAIS**

##### **Objetivos**

- Provisão de equipamento para a aferição de álcool no sangue de motoristas nas 3.000 viaturas da Polícia Rodoviária Federal
- Capacitação dos policiais rodoviários para a adequada abordagem ao motorista que dirige sob o efeito do álcool e a correta utilização do equipamento.

##### **Parceria**

- SENASP
- Departamento de Polícia Rodoviária Federal
- Universidade Federal do Rio Grande do Sul

#### **No eixo de projetos estratégicos:**

##### ☞ **SERVIÇO NACIONAL DE ATENDIMENTO TELEFÔNICO GRATUITO 0800 – VIVA VOZ**

- Otimização do serviço 0800 – ligação gratuita, atendimento 24hs (05 dias da semana)

##### ☞ **REDE DE PESQUISA**

- 600 pesquisadores cadastrados
- 309 grupos de pesquisas identificados

## **7 - A importância de traçar o perfil do público-alvo**

A elaboração de programas de prevenção é uma tarefa bastante complexa e exige muitos estudos, planejamento rigoroso e uma equipe técnica bem treinada. Existe uma visão epidemiológica mundial e nacional sobre o fenômeno uso de drogas entre os universitários e

esta sendo atualizada, conforme observamos no capítulo anterior. O tabaco e o álcool estão na frente, e em relação ao abuso e problemas relacionados, a gravidade das conseqüências pode ser fatal. Logo a seguir, vem a maconha. Portanto, é imprescindível um plano de ação baseado nestas evidências.

Em relação à prevenção, os resultados ainda são bastante incipientes e mostram que palestras, folhetos e manuais aplicados de forma isolada, não são efetivos como medida preventiva. É possível usar estas estratégias, como uma parte do projeto cuja principal característica deve ser seu caráter permanente, continuado e contextualizado a cada local. É fundamental investigar sobre mitos, crenças e padrões culturais de cada população em especial, ajustando a linguagem à população.

Um modelo de prevenção que vem sendo aplicado em alguns países é a formação de multiplicadores. Uma proposta mais avançada seria torná-los mais resilientes usando a metodologia “snow boll”, e assim, atingir seus pares em seu grupo. Utilizar o jovem universitário, como agente de prevenção em diferentes ambientes, desde que devidamente treinado, é uma forma de intervenção que está sendo desenvolvida no Brasil, através de um trabalho orientado pela professora Ana Cecilia Petta Roselli Marques, da Universidade Federal de São Paulo.

### **Alguns dados da epidemiologia Brasileira**

- ✓ A informação advinda da família, mídia e meio acadêmico influencia as opiniões dos alunos, principalmente se os dados vem de uma pesquisa confiável (Psicologia USP, 1992).
- ✓ Entre dependentes de nicotina, a informação ajudou a não fumar; a inclusão de aulas sobre o tema na graduação, diminuiu o uso do tabaco (Enfermagem, UNIFESP, 2002).
- ✓ A orientação sobre o problema e a oferta de serviços para tratamento (intervenção preventiva) mostrou-se um fator de aderência dos universitários usuários às intervenções assistenciais oferecidas (UNICAMP, 2001).

## **8 - Avaliação dos programas de prevenção ao abuso de drogas**

Pesquisas revelam que a prevenção é uma alternativa eficaz contra o avanço dos problemas relacionados ao uso, abuso e dependência de drogas. Todos os estudos sobre o custo das conseqüências deste problema de saúde mostram que prevenir ainda é melhor que remediar, não só para o indivíduo, como para toda a sociedade.

Cada vez mais necessitamos de profissionais competentes para o trabalho, ou seja, indivíduos com um conjunto de conhecimentos e habilidades para o exercício de determinadas funções, visto que a elaboração de programas de prevenção é uma tarefa bastante complexa e exige muitos estudos, planejamento rigoroso.

Com a crescente complexidade dos trabalhos, o conceito competência passou a acrescentar também os aspectos sociais e atitudinais do trabalhador. Referências mais modernas como Ropé & Tanguy (1997) passaram a evidenciar a competência associada à ação. A competência passou a ser traduzido como “Combinações sinérgicas de conhecimentos, habilidades e atitudes, expressa pelo desempenho profissional, dentro de determinado contexto ou estratégia organizacional” (Durand, 2000).

A avaliação da efetividade dos programas é bastante difícil, pois os resultados só podem ser observados em longo prazo. Porém, os programas de prevenção primária que visam à formação crítica, consciente numa abordagem que atinja o indivíduo integrado a família e a sociedade, têm se mostrado eficazes. Programas baseados no amedrontamento não se mostram efetivos, já os que combinam alguns modelos de prevenção como a educação afetiva, o conhecimento científico, a capacitação de professores frente ao tema, a educação para a saúde e o oferecimento de alternativas apresentam bons resultados.

## **8.1 - Modelos de programas de prevenção de abuso de drogas**

Em termos de ações concretas, o enfoque de diminuição de riscos viabiliza-se por cinco modelos básicos: conhecimento científico, educação afetiva, oferecimento de alternativas, educação para a saúde e modificação das condições de ensino (Carlini-Cotrim e Pinsky, 1989; Hansen, 1990; Klitzner e cols., 1991).

- **O modelo do conhecimento científico.** Propõe o fornecimento de informações sobre drogas de modo imparcial e científico. A partir dessas informações os indivíduos podem decidir racionalmente sobre as drogas.
- **O modelo de educação afetiva.** Defende que indivíduos mais estruturados e menos vulneráveis, do ponto de vista psicológico, são menos propensos ao abuso de drogas. Constitui-se num conjunto de técnicas que visa melhorar ou desenvolver a auto-estima, a capacidade de lidar com a ansiedade, a habilidade de decidir e interagir em grupo, a comunicação verbal e a capacidade de resistir às pressões de grupo.
- **O modelo de oferecimento de alternativas.** Procura propiciar aos indivíduos sensações de expansão da mente, crescimento pessoal, excitação, desafio e alívio do

tédio, ou seja, highs, por outros meios que não o consumo de drogas. Por meio de atividades esportivas desafiadoras, atividades artísticas não-diretivas, etc.

- **O modelo de educação para a saúde.** Educar para uma vida saudável é a proposta central desse modelo. Assim, orientar para uma alimentação adequada, para atividades não propiciadoras de estresse, para uma vida sexual segura, e até para a escolha correta da pessoa que dirigirá o carro num passeio de grupo compõem um currículo onde a orientação sobre os riscos do uso de tabaco, álcool e drogas também se fazem presentes (Klitzner e cols., 1991).

**O modelo de modificação das condições de ensino.** Nessa abordagem, a ênfase não recai na prevenção ao abuso de drogas, mas na formação global de um jovem saudável. Este modelo tem cinco vertentes básicas, frequentemente combinadas na prática interventiva: modificação das práticas instrucionais, melhoria do ambiente escolar, incentivo ao desenvolvimento social, oferecimento de serviços de saúde, envolvimento dos pais em atividades curriculares.

Reconhece-se a intervenção não precisa necessariamente visar o indivíduo, mas deve tentar também modificar o ambiente em que ele vive. Enfim substitui-se o enfoque disciplinador da guerra às drogas por uma ênfase na formação do indivíduo, tido como capaz de discernir e de optar, e como alguém que tem o direito de ser informado idoneamente sobre questões que dizem respeito a seu cotidiano.

## 8.2 – Um exemplo de prevenção de abuso de drogas

Segundo Sergio J. Nicoletti médico e professor do Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde e Coordenador do programa de Campanhas públicas da Unifesp, estratégias eficazes para lidar com o problema do uso de drogas requerem um programa de educação popular que eleve o conhecimento da população sobre os processos que levam à decisão de usar drogas. Ao mesmo tempo, dependem do envolvimento de agentes socioeconômicos, das unidades de governo presentes na região, das escolas e das famílias que compõem as comunidades de uma determinada localidade, para criar uma rede de trabalho colaborativo destinado a prevenir o seu uso, principalmente por crianças e adolescentes.

Na região da Vila Mariana, Vila Clementino e Moema, existe um projeto desenvolvido pela Unifesp, que tem grande potencial para favorecer a formação de uma dessas redes. Trata-se do projeto “Bairro Universitário”, que prevê a criação de mecanismos integradores das grandes dimensões da vida urbana: moradia, mobilidade, educação, lazer, saúde e segurança. Dentro de uma iniciativa como esta é possível crescer ações colaborativas entre moradores

dos três bairros, professores de suas escolas, comerciantes, industriais e profissionais liberais, além de instâncias do governo local.

## **9 – Conclusão**

O desvelar a realidade possibilita desenvolver uma análise crítica com mais conteúdo. É fato que precisamos pensar sobre prevenção ao abuso de drogas, porém qual o enfoque que deve ser dado a questão?

Na revisão realizada foram apresentados vários modelos de intervenção, sem, no entanto apresentarmos resultados objetivos das avaliações realizadas a partir dos projetos implantados, mas a implementação de projetos de prevenção em algumas universidades, permitiu que o grupo gestor ficasse mais atento a esta questão.

Um componente importante num programa deste tipo é o aperfeiçoamento das competências interpessoais, especificamente, as que se relacionam com a comunicação, assertividade e relações com os familiares e companheiros. O aspecto essencial continua a centrar-se na clarificação dos valores e no processo de tomada de decisão. Estas competências capacitarão o indivíduo a fazer escolhas responsáveis.

De uma maneira geral, os resultados das investigações têm demonstrado que os programas mais eficazes são aqueles que incluem o conceito central de competências com referência ao conhecimento gerencial e a capacidade de aprendizagem como o motor da mudança. Embora estas abordagens combinem várias perspectivas da teoria da estratégia, ainda permanecem lacunas referentes a questões essenciais, como a aprendizagem e a gestão do conhecimento.

Se há conclusão possível, é que ela jamais se encerre nesse assunto, que suscite novas questões e que este trabalho sirva como instrumento para reflexões e que busquemos alternativas e que viabilizemos novas formas de enlaçamento e que sempre possa ser repensada e construída. Vale ressaltar que a prevenção ao abuso de drogas, que é complexa, necessita de uma rede de atendimento, motivo mais do que justificável para que em conjunto busquemos ajudar as pessoas que sofrem os problemas decorrentes do uso ou abuso de drogas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLEGER, José. Psico-higiene e psicologia institucional. Trad. de Emília Oliveira Diehl. Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.
- CAVALCANTE, Antonio Mourão. **Drogas, esse barato sai caro: os caminhos da prevenção.** Editora Rosa dos Tempos, 1998.
- CARLINI-COTRIM, Beatriz. **Drogas na escola : prevenção, tolerância e pluralidade.** In: AQUINO, J. R. G. (org.). Drogas na escola : alternativas teóricas e práticas. São Paulo : Summus, 1998.
- FONSECA, M. S. (2006). **Prevenção ao abuso de drogas na prática pedagógica dos professores do Ensino Fundamental.** Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP.
- LOCH, Jussara Margareth de Paula. Avaliação na escola cidadã. In: ESTEBAN, Maria Teresa; GARCIA, Regina Leite (org.). **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 129-141.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento – Pesquisa qualitativa em saúde.** 5ª ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1998.
- MORIN, Edgar. Articular saberes. IN ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (org.). **O sentido da escola.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 65-80.
- Neuroscience of psychoactive substance use and dependence – Org Mundial da Saúde
- NOTO, A. R.; **Os índices de consumo de psicotrópicos entre adolescentes no Brasil; in Adolescência e Drogas; org. Ilana Pinski et al; 2ed; São Paulo: Contexto, 2006.**
- SILVA, V. A.; e MATOS, H. F.; **Os jovens são mais vulneráveis às drogas?; in Adolescência e Drogas; org. Ilana Pinski et al; 2ed; São Paulo: Contexto, 2006.**
- ZILI, Sloboda; **Programas de prevenção ao uso de drogas em escolas dos EUA; in Adolescência e Drogas; org. Ilana Pinski et al; 2ed; São Paulo: Contexto, 2006.**
- ZARAFIAN, Philippe. **A gestão da e pela competência.** Trabalho apresentado no seminário internacional Educação profissional, trabalho e competência. Rio de Janeiro, novembro, 1996
- ROPÉ & TANGUY. **Saberes e competências.** Campinas, Papirus, 1997,
- SANCHEZ, R. **Competence-based strategic management.** Chichester: John Wiley & Sons, 1997.